

IMORTAIS DA ACADEMIA
EPISÓDIO 34 – CONTADORES DE HISTÓRIAS

01:00:17:06

ABERTURA

01:00:22:12

OFF

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,
Arte e ciência, pensamento e memória,
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

01:01:02:25

VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia

01:01:20:06

Há uma frase do Evaldo que eu gosto muito que ele diz: “Historiador que é historiador precisa vestir o sapato no morto.” Que é essa ideia de que você tem que perseguir o seu objeto, e perseguir o seu objeto como? Com documentação, com narrativa. Mas ele é capaz de escrever um livro como *Rubro veio*, enfim, em que ele discute a formação da nacionalidade em Pernambuco, com uma riqueza de imagens, com uma riqueza de exemplos, absolutamente rara.

Evaldo Cabral de Mello – Posse em 2015

01:01:59:11

VIDEOGRAFISMO – Cadeira 34: Contadores de histórias

01:02:06:13

SÉRGIO EDUARDO MOREIRA LIMA - Embaixador

O Evaldo Cabral de Mello, ele se destacou, por exemplo na missão do Brasil junto as Nações Unidas, no processo de negociação da Convenção do Direito do Mar. Convenção do Direito do Mar foi um importante marco do multilateralismo. O multilateralismo é importante porque as decisões são decisões de todo o conjunto da sociedade internacional. Alguns até, enfim, certo ou errado comparam com o estado democrático de direito, no plano internacional. E o Brasil então, estava ali na Convenção do Direito do Mar, liderando um processo junto com outros países, mas numa posição de liderança num processo que era visto com reservas pelas superpotências de então. A União Soviética tinha grande dúvidas com relação a Comissão do Direito do Mar, você tinha também os Estados Unidos. Mas o Brasil estava lá, acreditando nesse processo. O Evaldo Cabral de Mello, ele assessorava o nosso representante nas Nações Unidas nesse período, e a contribuição dele não foi pequena. O verdadeiro diplomata ele não conta vantagem, ele não diz que ele contribuiu pra isso ou pra aquilo, entende? Porque, quando o êxito das ações dele, pode representar o fracasso, uma percepção de fracasso do outro, entende? Que é à parte, é a outra parte. Então se eu estou me sentindo vitorioso, a outra parte talvez se sinta perdedora. Você está

entendendo? Então, você tem que se controlar, e manter um perfil baixo para que todos tenham a impressão de que todos são vencedores. O Evaldo realmente, ele personifica essa ideia de diplomata. Uma pessoa que tem consciência do trabalho que realiza, e da importância desse trabalho. Mas, ele acabou se tornando mais conhecido no campo da historiografia. E se tornou mais conhecido porquê? Por que ele foi e cobriu sobretudo a terra dele, ele cobriu o Nordeste, ele cobriu Pernambuco. Ele pesquisou na Espanha, ele pesquisou na Inglaterra, ele pesquisou em Portugal. E o resultado disso foi um algo mais. Ele trouxe um aporte novo, informações novas para a historiografia brasileira.

01:04:38:20

OFF

“Se é certo que enquanto o ficcionista inventa e imagina, o historiador apenas imagina, mas o faz sob o controle das regras precisas de um ofício que nasceu na Grécia clássica. Nem por isso deve-se ignorar a relação entre ficção e história. Mesmo um romance de trama puramente novelesca pode conter uma dose substancial de realismo histórico, como em Balzac, que se intitulou certa vez ‘historiador de costumes’. E, contudo, a fronteira entre ficção e história não é menos nítida”.

Discurso de posse na ABL - Evaldo Cabral de Mello

01:05:23:01

JOÃO ALMINO - Escritor

O Evaldo, eu só posso dizer, que tenho uma enorme admiração pelo trabalho dele como historiador. É um historiador que dá uma contribuição altamente original, a historiografia brasileira, sem teorizar excessivamente, porque o Evaldo é aquele historiador dos documentos, que vai realmente as suas fontes, e ao ir as fontes, consegue extrair delas sempre algo novo, original e de enorme importância para a compreensão da história do Brasil.

01:05:58:19

LILIA SCHWAREZ – Doutora em antropologia social

O Evaldo é dono de um texto impressionante. É um texto, ele tem uma precisão nas palavras, um controle dos termos. Ele é sobretudo um adepto, eu diria entre muitas aspas, mas ele é um adepto do modelo de historiografia inglesa, quer dizer, da narrativa dos historiadores ingleses, e contrário a uma historiografia por demais culturalista, por demais imaginativa. Então ele advoga essa ideia de que a história é narrativa. E narrativa bem feita.

01:06:58:19

OFF

O amor pela história não é atributo apenas do atual ocupante da cadeira 34, Evaldo Cabral de Mello. Antes dele, um jornalista e biógrafo já havia ocupado a mesma cadeira e demonstrado paixão pelas narrativas históricas.

Raimundo Magalhães Júnior escreveu tanto, e de tantas formas, que foi chamado, pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, “o homem que era 300”.

01:07:14:11

MARINA MARTINS – Doutora em artes cênicas

Foi surpreendente descobrir a quantidade de coisas que ele fazia durante o dia. Ele era muito agitado. Então ele praticamente não dormia, ele acordava cedíssimo, trabalhava no jornal, escrevia crônicas, escrevia contos, escrevia peças de teatro, fazia biografias incríveis de muitas pessoas, João do Rio, Machado de Assis, Arthur Azevedo entre outros. Ele não parava e ele fazia mil coisas ao mesmo tempo.

Quase que um escravo da pena no sentido de que ele não parava de escrever, de produzir. Ele era basicamente um jornalista investigativo, digamos assim, da vida alheia, porque ele gostava de investigar a vida a fundo dos biografados. E eu acho que esse traço jornalístico dele está presente em tudo. Pela versatilidade, pela capacidade de circulação, de entrada em vários ambientes, pela curiosidade e também no tom, na ironia, na sutileza da escrita dele, no tom mais coloquial. Com essa verve jornalística dele, ele provava o que ele dizia. Ele não inventava muito não. Ele escrevia mesmo o que ele descobria. Ele estudava, ele lia muito. Mas ele vivia mais correndo atrás das informações, eu acho.

01:08:42:16

OFF

Raimundo Magalhães Júnior, Austregésio de Athayde e Josué Montello, da Academia Brasileira de Letras, fazem parte da Comissão Julgadora do Concurso sobre Machado de Assis, aberto a todos os estudantes.

Raimundo Magalhães Júnior – Posse em 1956

01:08:56:01

MARINA MARTINS – Doutora em artes cênicas

Eu fui na casa de Rui Barbosa, e tinha lá uma caixa ainda não catalogada, de materiais do Raimundo Magalhães Junior. E pra minha surpresa e alegria abrindo a caixa, e fui descobrindo, vendo assim. Tinha papeizinhos de todo tipo, guardanapo. Porque ele, por onde ele ia passando, que ele andava muito a pé pela cidade, ia na Biblioteca Nacional, vivia enfiado na Biblioteca Nacional, então ele ia anotando tudo que ele podia em todos os lugares que ele arrumava. Então ele tinha, arrumava um papelzinho, fazia uma anotação, guardava no bolso. Nessa caixa da Casa de Rui Barbosa tinha assim as cartas entre, de Arthur Azevedo e a mulher dele. E ele ia buscando mesmo, porque ele queria, ele gostava do Arthur Azevedo. Ele queria mostrar que o Arthur Azevedo era um grande escritor, então ele ia a fundo nos textos do Arthur Azevedo, nos versinhos, nas publicações do Arthur Azevedo no jornal. Ele ia no detalhe das informações que ele conseguia. Nas minúcias do biografado. Investigava não só a vida, o “*modus operandi*” do biografado, mas assim o que ele escrevia. Enfim, é uma característica muito, é muito aguçada no Magalhães Júnior essa investigação minuciosa.

Arthur Azevedo – Fundador da Cadeira 29

01:08:56:01

OFF

“Em torno dele, tudo mudava... E mudava vertiginosamente... Não só mudavam as coisas, as instituições políticas, a fisionomia da sociedade, os homens públicos... Mudava também o ambiente literário e jornalístico... Fora-se a escravatura, fora-se o Império, fora-se a nobreza forjicada e postiça, fora-se o tálburi... e praticamente também se fora a geração boêmia, a que ele estava ligado menos por gosto pela vida estúrdia, – pois que sempre fora uma formiga diligente entre cigarras imprevidentes, – do que pela fraternidade do espírito e do talento...”

Arthur Azevedo e sua época - Raimundo Magalhães Júnior

01:11:21:14

ARNALDO NISKIER – Atual ocupante da Cadeira 18

O Raimundo Magalhães foi um grande teatrólogo, um grande historiador e um grande amigo. Ele era tão meu amigo que quando eu operei as amidalas, dia sim, dia não, o Raimundo Magalhães Júnior pegava um fusquinha dele, e ele só tinha um olho, baixinho, gordinho. Ele pilotava o fusquinha dele até a Rua Dr.

Satamini, onde eu morava, pra me fazer uma visita. Dia sim, dia não ia me contar as novidades. E isso criou uma amizade muito grande entre nós. Nós éramos madrugadores. Nós chegávamos cedo, oito horas, oito e pouca já estávamos na Manchete. Eu e ele. Ficávamos conversando. Eu falando do meu casamento, dos meus filhos, e ele falando da Rosa Magalhães. Grande carnavalesca, vitoriosa carnavalesca, que era a única filha dele com a Lúcia Benedetti, escritora. Então nós nos aproximamos muito. E ele, lá pelas tantas disse: “Olha, eu vou preparar você pra entrar pra Academia Brasileira de Letras”.

01:12:32:26

VINHETA – Estamos apresentando

01:12:51:13

VINHETA – Voltamos apresentar

01:12:59:26

OFF

A Cadeira 34 reúne diferentes tipos de contadores de histórias.

Um deles, saído da sua idílica Itaparica, começou a carreira como repórter do Jornal da Bahia, e tornou-se um dos maiores escritores do país.

Mas o modesto João Ubaldo Ribeiro não se pretendia tanto:

“tampouco sou homem de letras – disse ele – no sentido rigoroso do termo. Sou apenas um romancista, um contador de histórias”.

01:13:36:29

MUNIZ SODRÉ – Jornalista e professor

Mil novecentos e cinquenta e nove, em Salvador, por aí, se fundou o jornal chamado Jornal da Bahia. Que foi um jornal que marcou, fez época na Bahia. O grande jornal da Bahia. Então, era, tinha o Diário e tinha A Tarde. A Tarde era um grande jornal conservador da Bahia. E o Jornal da Bahia criou um público próprio. Eram antigos, grande jornalistas que vinham do sul e da Bahia, do Partido Comunista. E intelectualidade nova. E o João Ubaldo era funcionário. Ele tinha uma coluna, tinha um personagem na coluna, mas era redator.

João Ubaldo Ribeiro – Posse em 1994

01:14:19:12

DENISE SALIM – Doutora em letras

Ele começou aos dezessete anos no Jornal da Bahia. O pai arranhou o emprego pra ele, e ele foi escrever. – Sente aí e escreva. Foi assim que ele começou. E ele fala dessa experiência enriquecedora que foi, ele foi chefe de redação também. Então, ele conta dessa experiência, mas não negou, em absoluto que era, vamos dizer assim, a vitrine. O jornal é a vitrine dos escritores.

01:14:48:07

ANTONIO TORRES – Atual ocupante da Cadeira 25

Eu fui a um encontro de escritores nordestinos em Natal. Eu estou saindo do elevador, e olho assim no bar do hotel, 9 horas da manhã, já estava João Ubaldo no balcão. Aí ele faz sinal pra mim. Era o segundo encontro nosso. Aí chego no balcão ele começa a contar caso. Eu vou ficando, aí chega o Jaguar. Eu sei que daí a pouco já era uma da tarde e a gente dando risada ali naquele momento, ouvindo as estórias do João.

01:15:21:04

DENISE SALIM – Doutora em letras

Todo escritor é um contador de histórias, e na verdade é isso. Ele tem sempre um caso. Algumas vezes eu observei por exemplo, ele conversando e do lado um gravador ou um celular com gravador, alguma coisa assim. E a qualquer momento ele podia acionar ali. E ele contava as histórias dos encontros dos amigos. Aquele amigos existem. Aqueles amigos estão no fim de semana no Bar do Tio Sam. E ali das conversas que ele tirava alguns assuntos realmente.

01:15:56:04

MUNIZ SODRÉ – Jornalista e professor

Ubaldo entrou em direito. Ubaldo foi da escola de direito. Acho que por causa do pai, influência do pai. Ubaldo se cria sob a régia das letras desse pai cultíssimo. E qual era a paixão do Ubaldo? Me contaram, era literatura. Eu nunca conheci na minha vida alguém com mais vontade de ser escritor do que o João Ubaldo. Nunca. Éramos na nossa relação na Bahia de um grupo que falava línguas estrangeiras. Tudo autodidata. Inglês com sotaque de baiano, mas que sabe o dicionário de cor. Você conhece o que é isso? Dicionário de inglês, de francês. O inglês do Ubaldo, era um inglês impressionante. Tanto que quando ele escreveu “Viva o povo brasileiro”, Ubaldo recusou a tradução. E quem fez a tradução para o inglês. Ele próprio. Foi Ubaldo que traduziu “Viva o povo brasileiro” pro inglês. O que eu considera uma tarefa de louco.

01:12:59:26

OFF

“O ódio que vocês têm ao povo terá que manifestar-se em toda a sua crueldade e, podem crer, o martírio desse povo poderá ser esquecido, poderá não ser entendido, poderá ser soterrado debaixo das mentiras que vocês inventam para proveito próprio, mas esse martírio um dia mostrará que não foi em vão. Terão de matar um por um, destruir casa por casa, não deixar pedra sobre pedra. E mesmo assim não ganharão a guerra. Só o povo brasileiro ganhará a guerra. Viva o povo brasileiro! Viva nós!”

Viva o povo brasileiro - João Ubaldo Ribeiro

01:17:42:05

DENISE SALIM – Doutora em letras

Quando se fala em João Ubaldo Ribeiro, se fala em “Viva o povo brasileiro”. Pelas características, pela, pela fibra. Porque ele defende muito essa questão da situação do povo brasileiro. Essa falta de reação, ou excesso de ações que prejudicam o país. Então isso é uma preocupação no caráter, vamos dizer assim. No caráter do Brasil, eu não diria no caráter do brasileiro, mas no caráter do Brasil. E o “Viva o povo brasileiro” é a história de luta do povo brasileiro. Na verdade não é uma luta sangrenta, mas é uma luta pra se constituir com o povo. O “Viva o povo brasileiro” tem como pano de fundo desenhar a construção do nosso país. Então, os personagens atualíssimos, eles estão ali presente. É o poder, a ambição, a escravidão, a exploração. Esses elementos conduzem a narrativa. E aparece a figura de Maria da Fé, que é a mulher que vai ajudar a expulsar os portugueses da ilha de Itaparica, tanto que existe uma polêmica quanto a independência, a data da independência do Brasil, mas isso, só ele mesmo pra explicar com mais detalhes. Mas, ele diz que a independência do Brasil foi feita em Itaparica.

01:19:14:14

MUNIZ SODRÉ – Jornalista e professor

Se o Brasil de Jorge Amado era uma Bahia, porque a literatura de Jorge Amado era a literatura que inventava um povo brasileiro à partir do povo negro da Bahia, que a religião seria o candomblé, que dançada, que contava estória. Ubaldo, não folcloriza o povo dessa maneira. Quer dizer, não tem essa visão e tipo. Mas é também um povo à partir da Bahia. Então Ubaldo, esse narrador extraordinário. É um grande narrador. E eu acho que ele alcançou uma dimensão internacional. Era um filho da Bahia agora falando ali, com aquela linguagem da Bahia pro mundo.

01:19:59:21

ANTONIO TORRES – Atual ocupante da Cadeira 25

O João, é sem dúvidas, um dos nomes mais fortes da minha geração. É do melhor que nós temos. Do melhor que nós temos na contemporaneidade. O último romance dele é uma maravilha, é uma pintura, que é “O Albatroz azul”. Que é um conto sobre vida, morte e renascimento. E se passa em Itaparica, e tem, é uma pintura. Tem toda assim, a luminosidade de Itaparica. Ele conseguiu trazer para o texto. O recorte histórico dele assim, ele pegou isso, quer dizer, ele fez de Itaparica uma espécie de laboratório da história do Brasil. O posto de observação da história do país dele, era Itaparica. E claro, uma visão da história transformada em ficção da melhor qualidade. Eu escrevi pra ele dizendo isso, e ele me respondeu assim: “O rapaz, eu não sabia escrever desse jeito que você escreve, não.” Claro que ele sabia até mais.

01:19:59:21

OFF

Após a morte do baiano João Ubaldo Ribeiro, a Cadeira 34 manteve o vínculo com o nordeste.

Na sequência, ela foi ocupada por um pernambucano que mudou a percepção do que se conhecia – ou se achava que se conhecia – sobre a história do Brasil: Evaldo Cabral de Mello.

01:21:37:12

LILIA SCHWARTZ – Doutora em antropologia social

A historiografia brasileira durante muito tempo foi uma historiografia absolutamente centrada no Rio de Janeiro. Então toda a história era a história contada à partir da perspectiva do Rio. Depois durante um tempo também foi contada à partir da perspectiva da São Paulo. E o grande mérito, dentre muitos méritos do Evaldo Cabral, foi deslocar essa historiografia para um outro eixo. Para o Nordeste, e sobretudo para o papel de Pernambuco, que tinha um papel muito especial nessa lógica do nordeste brasileiro. Nós sabemos que o Brasil é um país de proporções continentais. É impossível contar a história do país à partir de uma esquina só. E essa esquina que o Evaldo pega pra si, é uma esquina poderosa. Então, por exemplo, ele é capaz de contar uma outra independência do Brasil à partir do gancho de Pernambuco. Evaldo também tomou um período em particular, que era o período holandês. Era um período muito estudado, mas que faltavam fontes, faltava quem pudesse ler as fontes originais, boa parte delas fora do Brasil. Evaldo usou de uma maneira criativa, produtiva e erudita, o fato dele poder se deslocar. E vai trazer pra nós historiadores, fontes totalmente distintas. Esse Brasil holandês que o Evaldo traz numa série de livros dele, é um Brasil muito distinto. É um Brasil que foi colonizados por holandeses durante setenta anos, um Brasil que teve outras práticas culturais. Então esse Brasil holandês é um Brasil muito inventado pelo Evaldo. Não inventado no sentido de uma criação imaginária, mas inventado no sentido de que ele trouxe esse ganho para a historiografia brasileira. O Evaldo ele é de fato louco por uma polêmica. Ele sempre rompe com os rituais. Ele é uma pessoa muito crítica, muito avessa a todas as normas. Então, enfim, ele não tem medo de discórdia. Então por exemplo quando havia a voga do estruturalismo francês, ele era absolutamente contra. Um casamento entre antropologia e história, ele dizia que não, que antropologia não tinha haver nada com história. Que antropologia era o estudo das reiteraões, e a história era o

estudo da mudança. Quando você vai ver o que o Evaldo faz, ele faz reiteração e faz mudança, mas, o que ele tem também de muito incendiário é da sua personalidade. Então, enfim, ele não tem medo de uma polemica intelectual. Mas é absolutamente leal nas polemicas. O que é muito importante.

01:24:30:19

VIDEOGRAFISMO

Cadeira 34

Patrono – Souza Caldas

Fundador – J.M. Pereira da Silva

Barão do Rio Branco

Lauro Müller

Dom Aquino Correia

Raimundo Magalhães Júnior

Carlos Castello Branco

João Ubaldo Ribeiro

Atual – Evaldo Cabral de Mello